UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

CAMPOS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA

FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: LINGUAGENS E CÓDIGOS

A formação do professor de Língua Portuguesa: um estudo a partir das experiências de Estágio Docente no Curso de Educação do Campo

SIMONE DO NASCIMENTO CARDEAL

PLACAS-PA

2019

SIMONE DO NASCIMENTO CARDEAL

A formação do professor de Língua Portuguesa: um estudo a partir das experiências de Estágio Docente no Curso de Educação do Campo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, para obtenção de grau de Licenciado em Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos. Orientadora: Prof. Me. Fabiola Damacena.

Altamira-Pará
Junho de 2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C266f Cardeal, Simone do Nascimento
A formação de professores de Língua Portuguesa: : um estudo a partir das experiências de Estágio Docente no Curso de Educação do Campo / Simone do Nascimento Cardeal. — 2019.
VI; 29 f.

Orientador(a): Profª. MSc. Prof. Fabiola Aparecida Ferreira Damacena
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Língua Portuguesa. 2. Formação Docente. 3. Experiência . 4. Estágio Supervisionado. 5. Educação do Campo. I. Título.

CDD 400

Resumo

Este trabalho descreve os estágios supervisionados na área de linguagens no curso educação do campo, com ênfase na formação do professor de português, destacando os desafios da atuação profissional no ensino de língua portuguesa de maneira a pensar em conexões na relação teoria e prática que envolve o planejamento pedagógico, as práticas de linguagens dos alunos do ensino fundamental e médio no processo de aprendizagem. Para tanto, são considerados os dados de pesquisa sistematizados durante os Tempos Comunidade, bem como os relatórios dos estágios supervisionados. Este estudo se ancora na abordagem qualitativa, de natureza documental e bibliográfica. Os dados da pesquisa foram coletados através de entrevistas semiestruturadas pelos guias de orientação no Tempo Universidade. Na revisão de literatura dialogamos com outros autores, Geraldi (2005), Freire (2015), Pimenta (2012), Guedes (2006), no sentido de tentar explorar os principais conceitos que envolvem a temática deste estudo, trazendo reflexões sobre a realidade educacional, especificamente, a formação do professor de língua portuguesa e seus desafios no cotidiano da educação básica.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Língua portuguesa. Formação docente. Educação do campo. Experiência.

Sumário

1. Introdução	06
1.1 Delineamento metodológico	08
2. As experiências vividas nos estágios supervisionados: aspectos da formação docente na área de linguagens	10
3. Os desafios de ser professor de português nas escolas do campo	20
5. Considerações finais	27
6. Referências Bibliográficas	29

1. Introdução

O município de Placas, dentre outros municípios da Transamazônica, foi selecionado para sediar um dos polos da turma do Curso de Educação do Campo com ênfase em Linguagens e Códigos, ofertado pela Faculdade de Etnodirversidade, da Universidade Federal do Pará, do Campus de Altamira, o qual contou com o preenchimento de quarenta vagas, no ano de 2014 com o processo seletivo que deu a oportunidade aos jovens e adultos do campo cursarem a educação superior sem precisar se deslocar do município. O período de formação iniciou-se em agosto do ano de 2015 com 38 alunos no curso.

Esses jovens e adultos do campo, em muitos casos, haviam terminado o ensino médio há algum tempo. Noutros demais casos, eram professores que já atuavam na rede básica de ensino e não tinham cursado o nível superior. Nesse sentido, este curso chegou para contribuir na formação de professores do município de Placas, despertando a reflexão crítica sobre diversas situações problema presentes no contexto das escolas de educação básica, dentre elas a formação de professores de português.

Através do curso, especificamente das atividades de seminário de tempo comunidade e tempo universidade, realizamos pesquisas de campo, conhecemos a realidade das comunidades rurais e contribuímos a partir das intervenções didáticas nos estágios supervisionados realizados nas escolas de educação básica, tanto de ensino fundamental quanto de ensino médio.

Em consonância com as observações do estágio docente, este trabalho relata e descreve essa dinâmica de organização do curso no sentido de valorizar os relatórios acadêmicos produzidos durante as etapas de alternância, dos tempos comunidade e universidade, caracterizando a alternância pedagógica, a qual contempla esses momentos articulados entre si pela pesquisa como estratégia formativa, sendo que o Tempo Comunidade oportuniza o desenvolvimento de estudos e pesquisas na comunidade (PPC do Curso de Educação do Campo, 2018).

O motivo da escolha do tema surgiu por perceber a lacuna ainda presente no ensino de língua portuguesa quanto ao nível de aprendizagem de alunos da escola básica. Dentre os aspectos observados, o que mais me chamou atenção foi o fato de

que alguns professores se preocupavam muito mais em cumprir o currículo estabelecido, do que importar - se, realmente o aluno estava aprendendo ou não.

Sabemos que o ensino da língua portuguesa não se restringe somente a cumprir os conteúdos orientados pela Base Nacional Comum Curricular- BNCC, é entender o que aluno precisa para se desenvolver na sala de aula, conhecê-lo e passar confiança para que ele mostre suas habilidades e necessidades de aprendizagem, é valorizar seus conhecimento prévios e também trazer para o relevo outros sentidos da língua portuguesa, como a importância de usar a norma padrão adequadamente em diversas situações sociais e práticas e expressões de linguagem da vida cotidiana que ocorrem fora do ambiente escolar.

A formação docente no curso de educação do campo é muito mais do que concluir uma graduação, é ser desafiado a provar que somos capazes de transformar e sermos transformados, a partir do contato direto com as comunidades, com as pessoas que lá vivem e sobretudo com as escolas do campo, para que sejam de fato e de direito, do campo, para isso, nosso engajamento social e profissional comprometido é determinante nesse processo de emancipação e de construção de uma identidade que lhe é peculiar, nas escolas do campo. Aprendermos a ter prazer no que fazemos, alegria, motivação, carisma, afeto, dentre outros aspectos que fazem parte do oficio de ser professor.

Ao longo do curso, os estágios foram realizados em três escolas diferentes do município de Placas, na Casa Familiar Rural-CFR, no Centro educacional Pan-Americano-CEPA e na Escola Estadual Presidente Tancredo Neves. Tendo em vista o cumprimento dos objetivos deste estudo, o trabalho está dividido em três partes. Na primeira, são apresentadas as experiências vividas nos estágios supervisionados com destaque para os aspectos da formação docente em linguagens códigos. A segunda parte versa sobre os desafios de ser professor de português nas escolas do campo; e, na terceira parte, são tecidos fios de conexão entre a relação teoria e prática no ensino de português. Por fim, nas considerações conclusivas, os objetivos são retomados e refletidos acerca dos níveis de alcance com esse trabalho.

1.1 Delineamento metodológico

O trabalho do pesquisador, no contexto da graduação em educação do campo pressupõe a quebra de paradigmas metodológicos de produção do conhecimento, porque precisamos extrapolar os moldes prescritivos, seguir regras prontas e objetivos previamente estabelecidos. É claro que não se trata de uma ação sem direção, nem de abrir mão da orientação do percurso da pesquisa. O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método- não mais um caminhar para alcançar metas prefixadas, mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas, refletidas de verdade e preenchidas de sentido**.**

Nos perguntamos, quais os efeitos do processo de pesquisar? O que esperamos de resultados do nosso objeto de pesquisa? Passos e Barros (2015), sobre as pistas do método da cartografia, afirmam que há uma inseparabilidade entre fazer e conhecer, entre pesquisar e intervir, toda pesquisa é intervenção. Nesse trabalho há um mergulho nas experiências[1] vividas que conectam pesquisador e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção e de coemergência, o que podemos designar como plano da experiência.

Por isso nessa pesquisa há a intenção desse ensaio da cartografia como método de pesquisa, pelo traçado entre minhas experiências durante os estágios supervisionados, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção de conhecimento). Aqui, mergulho na experiência do pesquisar, tomando como ponto de partida as vivências didáticas desde os primeiros tempos comunidade, o saber e fazer docente na construção da identidade ou de um perfil de professora da área é linguagens e códigos na educação básica.

Nesse sentido, a tecedura dessa pesquisa, na qual relato minhas experiências, não se dá de maneira só vertical e horizontal, mas também transversalmente dada a importância que a linguagem assume em nosso processo de comunicação.

[1] A experiência supõe, um acontecimento exterior a mim. Mas o lugar da experiência sou eu. É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar. Chamaremos a isso de "princípio de subjetividade". Ou, ainda, "princípio de reflexividade". Ou, também, "princípio de transformação" (LARROSA, 2016).

Passos e Barros (2015, p. 30) defendem que toda pesquisa é intervenção que nos exige “um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga”.

Conhecer é, portanto, fazer criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. Quando já não nos contentamos com a mera representação do objeto, quando apostamos que todo conhecimento é uma transformação da realidade. O processo de pesquisa ganha uma complexidade que nos obriga a forçar os limites dos nossos procedimentos metodológicos. O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao conhecimento que vai sendo traçado, sem determinações ou prescrições de antemão dadas.

Desta forma, nossas intervenções ganham sentido ético-político de modo que possamos avaliar os efeitos de nossas experiências e extrairmos os desvios necessários ao processo de criação que se dá,

> Por uma dinâmica de propagação da força potencial que certos fragmentos da realidade trazem consigo, propagar é ampliar a força desses germes potencias numa desestabilização do padrão. Nesse sentido conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa -intervenção. (PASSOS; Barros, 2015, p. 31).

Nesse processo de revisitarmos nossa concepção sobre o papel da ciência, como devemos produzir conhecimento, quais procedimentos metodológicos, ampliamos nosso horizonte de compreensão, esses autores trazem para nós certo subsidio para nossos “desvios”. Porque ao longo de nossa formação básica fomos silenciados, tivemos nossas subjetividades marginalizadas, oprimidas, que é muitos profissionais da educação fazem até hoje em sala de aula, anulando as experiências e saberes, bloqueando a propagação de suas forças e potenciais, pela condição de meros expectadores em sala de aula, através de práticas e didáticas impostas.

2. As experiências vividas nos estágios supervisionados: aspectos da formação docente na área de linguagens

A pesquisa de estágio tem início com a etapa da observação, pois ela, nos permite analisar determinadas situações ocorridas na escola em sala de aula e, após realizar a observação, buscar na regência trabalhar de forma construtiva os elementos ou aspectos observados, com vistas também a propormos avaliações, com metodologias inovadoras.

Diante disso, o objetivo do estágio docente é colocar em prática as teorias adquiridas no tempo universidade e preparar-nos para nossa atuação, visando as peculiaridades das comunidades escolares, as realidades e desafios que possivelmente serão encontrados na sala de aula. Para o bom desempenho profissional é necessário um planejamento, construir o plano de aula que é um requisito básico para o conhecimento e domínio dos conteúdos, noções da realidade do público que será trabalhada, fazendo a conexão entre as realidades vivenciadas, assim, o estágio supervisionado “se realiza em forma de pesquisa? É uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor”. (PIMENTA; 2012.p.46). É um dos momentos mais importantes para a formação docente, pois passamos por quatro estágios supervisionados nas escolas do munícipio, observando e partilhando saberes adquiridos com professores, alunos e colegas de curso.

Por isso os relatórios foram elaborados avaliando as competências e os conhecimentos, criticamente em relação à realidade educacional que os alunos estavam vivenciando nas escolas básicas. Refletindo as atividades realizadas nos estágios, propondo novos métodos de ensinar e aprender, e novas estratégias de ensinar em diversas situações. Os relatórios, assim elaborados, poderiam ser reunidos em repositórios, e disponibilizados para serem utilizados como fonte de pesquisa para os alunos de graduação, na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Na formação acadêmica, o curso de educação do campo ofereceu aos estudantes a possibilidade de conhecer suas comunidades através de pesquisas nos tempos comunidade. O 1° tempo comunidade foi realizado na vicinal do São Paulo Comunidade União da Esperança a 6 quilômetros da Rodovia Transamazônica no

Município de Placas. A partir de uma investigação inicial acerca do território em que a educação básica do campo se dá, cujo foco foi a comunidade e as famílias a quem a escola se destina, visando conhecer aspectos da sua realidade sócio histórica, cultural e econômica.

Segundo os moradores entrevistados a comunidade surgiu a partir da necessidade de se reunirem nos finais de semana e seus filhos não ter um lugar fixo para estudarem, e através de reuniões a ideia de construírem a escola e a igreja, se tornou realidade, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria) cedeu um lote para construção da comunidade e para ajudar aquelas pessoas da comunidade que não tinha onde morarem.

Os primeiros habitantes da comunidade chegaram por volta do ano de 1979 a 1980. Essas famílias migraram de três Estados diferentes, Bahia, Espirito Santo e Maranhão, algumas quando chegaram na vicinal foram assentadas com lotes pelo INCRA e outras compraram sua própria propriedade. A estrada da vicinal quando as primeiras famílias chegaram era de péssimas condições, as pessoas trafegavam apenas a cavalo. Hoje a várias pessoas quem tem uma moto ou carro para se locomoverem até a cidade, ou utilizam o veículo de passageiro que vai à cidade a cada segunda feira. Algumas das pessoas entrevistadas participam de movimento sindicais STTR (Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais), associações AAP (associação agricultores de placas), concelho fiscal e presidência da comunidade.

O 2° tempo comunidade realizamos na Escola Municipal Mec. Seduc. 217 – D, localizada na Vicinal do São Paulo, Comunidade União da Esperança. Através de uma investigação do espaço escolar, das condições de trabalho e de ensino dos professores, das práticas curriculares que orientam o trabalho pedagógico, das ausências ou presenças das características dos modos de vida tradicionais no currículo escolar.

As famílias entrevistadas relataram que na vicinal havia muitas crianças e não tinha um local para estudarem, aquelas que aprendiam a ler e escrever eram por interesse de seus próprios pais que nas horas de folga do seu trabalho ensinavam seus filhos, o pouco que eles sabiam. Então através de algumas reuniões comunitárias os moradores decidiram construir a primeira escola da comunidade, feita de cavacos, com ajuda da mão de obra voluntaria dos pais.

A Escola surgiu no ano de 1979 a 1980. Somente no ano de 1999 a 2000 foi construída uma outra escola de material para a vicinal, a mesma funciona até hoje na localidade. Ela é mantida pela esfera administrativa da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Placas Pará. Está organizada com as etapas das séries multissereadas de (1º ao 5º Ano) das Séries Iniciais.

A gestão da escola Mec. Seduc, na atualidade desta investigação era uma gestão democrática, a professora e a coordenadora polo não tomavam decisões que envolvessem a escola sozinhas, eram realizadas reuniões com pais de alunos e comunidade escolar para tomada de qualquer decisão. A escola trabalhava sempre em parceria com a comunidade interna e externa.

O currículo abordado na escola tratava a educação do campo a partir do modelo urbano com ênfase na leitura e escrita, apoiada na instituição meramente técnica dando pouca importância para seu modo próprio de vida e sua cultura local. O currículo vinha da SEMED (secretaria municipal de educação) para a escola polo, a coordenação juntamente com os professores modificava esse currículo dentro da parte diversificada para a realidade dos alunos.

Os conteúdos de ensino da escola eram a partir dos livros de didáticos, seguindo também sequencias didáticas, com temas diversificados, sem fugir das regras exigidas pela base comum curricular. O calendário escolar não era adaptado aos alunos do campo. O planejamento das atividades escolares era realizado pela professora uma vez por semana na sala de aula, desenvolvendo programas curriculares educativos, como projeto de leitura e soletrando, visando a aprendizagem dos alunos.

No 3° tempo comunidade realizamos um diagnóstico de como a educação realizada por meio de situações didáticas na área de linguagem dialoga com o conceito de educação do campo e suas diretrizes legais, com as identidades dos sujeitos que constituem vários modos de vida.

A partir das observações realizadas nas disciplinas de linguagens, observamos como está sendo trabalhado o currículo e a educação do campo nas propostas pedagógicas das escolas rurais do município e entrevistamos pais, alunos e professores. Percebemos que a professora gostava muito de trabalhar sequência didática e mobilizar os alunos a criar textos, histórias com temas bem criativos que

tinham a ver com a realidade local dos alunos e dominava muito bem os conteúdos trabalhados.

Nas entrevistas realizadas com os três pais de alunos afirmaram que gostariam que a professora trabalhasse mais em sala, temas como plantação de cacau, arroz, feijão e outros, e a produção de farinha. Os pais ainda nos disseram que nas produções de texto a professora já trabalhava a localidade que eles vivem. E ao desenvolver projetos na escola os pais são chamados para participarem das programações, como no projeto soletrando, e reuniões, etc.

O que mais lhes agradavam era verem na escola seus filhos respeitarem a professora, com carinho e a atenção que a educadora tinha por eles. O que desagradam e não saber mais sobre o currículo escolar de seus filhos é o descaso do poder público com a escola, as verbas que vem e deveriam ser aplicadas para melhoria da escola, não chegam a escola são desviadas para outros fins, tirando das crianças o direito de estudar com mais conforto e segurança.

Na entrevista com os três alunos devido serem pequenos, com a idade de 8(oito) e 11(onze) anos, e estavam cursando o segundo ao quinto ano, as respostas foram simples. Relataram que a professora pede para eles lerem o texto que vai ser trabalhado, depois explica tudo para melhor entenderem. Contam que as maiores dificuldades que eles enfrentam é as apresentações de trabalhos na escola para seus colegas. E uma forma de supera-la e pedindo ajuda para a professora, e em casa para seus pais. Eles relatarão que gostam de produzir textos, contar histórias e reinventá-las. Alguns deles tinham muita dificuldade com a pronuncia ortográficas de algumas letras devido o som serem muito parecidos.

No 4°tempo comunidade restituímos por meio de seminário na comunidade, os dados coletados nas pesquisas anteriores, como a infraestrutura das escolas, situação profissional e o nível didático pedagógico, a situação de aprendizagem na área de linguagem. Teve como objetivo socializar através de seminário os resultados das pesquisas de campo realizadas nas intervenções dos tempos comunidades. O seminário sérvio para conscientizar as pessoas sobre o diagnóstico da comunidade como funciona as organizações da escola, conhecer um pouco o que diz a lei sobre as dimensões escolares, como funciona a escola. Passando para comunidade que a escola não funciona sozinha, e é de fundamental importância a participação da comunidade interna e externa.

A partir das pesquisas realizadas nos quatro tempos comunidade tivemos condições pedagógicas para organizarmos os demais tempos comunidade quando iniciaram os estágios supervisionados, propondo, avaliando, pesquisando, analisando e construindo uma nova realidade na educação do campo que almejamos.

Durante o tempo universidade os professores do curso preparam os estudantes para encararem a sala de aula, com projetos didáticos, planos de aulas e micro aulas, para que possamos desenvolver um bom trabalho nas escolas do campo.

O artigo 12, do Regulamento de Estágio Supervisionado obrigatório do Curso de Licenciatura em Educação do Campo assinala que o Estágio é definido conforme a Lei 11.788/2008 em seu Art. 1º que preconiza que,

> O estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Em consonância com o regulamento e legislação do estágio, as atividades docentes foram realizadas em instituições escolares. Nesse sentido, os estágios docentes em língua portuguesa foram realizados nas escolas CFR (Casa Familiar Rural) no ensino fundamenta maior, na instituição particular CPA (Centro Educacional Pan Americano) no ensino médio e na escola Estadual Presidente Tancredo Neves (com 1° do ensino médio).

O 1° estágio supervisionado foi realizado na Casa Familiar Rural na vicinal da 57 na rodovia Transamazônica, no município de Placas, com o 6° e 7° ano do ensino fundamental na disciplina de língua portuguesa.

Neste primeiro estágio fizemos o projeto didático para desenvolvermos nas turmas de 6° e 7° ano do fundamental, com o tema, Educação para a vida: a importância da educação escolar para a tomada de consciência sobre os riscos do uso de agrotóxicos na horticultura, nós trabalhamos os gêneros textuais receitas e notícias, porém o professor já havia ministrado estes conteúdos no primeiro semestre. E no terceiro bimestre iria trabalhar com as duas turmas uma sequência de contos e fábulas, mas claro usando conteúdos de acordo com cada turma. E como os conteúdos eram muitos para serem trabalhados em poucos dias decidimos seguir o modelo do plano de aula que o professor cedeu para nós como uma base a ser trabalhada, porque na outra semana haveria a avaliação final do terceiro bimestre.

O objetivo da observação e regência na sala de aula é conhecer minuciosamente os alunos e suas histórias de vida, suas dificuldades em assimilar os conteúdos, na leitura, escrita, interpretação de texto e a convivência com seus colegas na escola. Observar os conteúdos trabalhados pelos professores, o desenvolvimento dos alunos na sala, como é o relacionamento professor-aluno, e através da regência criar novas metodologias para serem trabalhadas nas turmas levando o pouco conhecimento que já adquirimos no decorrer da nossa formação no curso de educação do campo.

Encontramos muitos desafios nas observações e regências dos estágios, como a forma que são ministradas as disciplinas, alguns alunos relataram que não gostam de estudar português, porque têm que ler e escrever muito e são muitas regras para aprenderem. Isso pode ocorrer pelo fato da disciplina estar sendo trabalhada de forma solta, sem contexto para que o mesmo entenda a sua importância na nossa vida. O fato dos textos serem trabalhados de forma descontextualizada, também compromete o interesse pela leitura, mesmo sendo na CFR que atende os alunos do campo, os conteúdos não eram ligados à vida dos mesmos. “Percebi que alguns alunos apresentaram dificuldades na leitura, e na escrita. Embora o professor trabalhasse muito com textos e interpretação”. (CARDEAL,2017).

Então diante dos resultados da observação nas salas, buscamos metodologias diferenciadas para chamar a atenção dos alunos trabalhando com textos que dialogavam com realidade e colocando-os para produzirem seus próprios textos, desenvolvendo a leitura e a escrita de forma mais exitosa.

No 2° estágio supervisionado, ainda realizado na escola Casa Familiar Rural de Placas, encontramos outra dificuldade no que refere à divisão de estagiários por turma, pois a direção da escola, naquele momento, havia pedido que os estagiários se dividissem em turmas, para estagiar no 6°,7°, 8° e 9°ano, sendo que tínhamos nos preparados para estagiar somente nas turmas de 8° e 9°como era previsto no planejamento dos estágios.

Desta maneira, houve a necessidade de rever nossos projetos didáticos, como era de costume em toda alternância planejar os horários das aulas e os grupos de trabalhos, corrigir os relatórios realizados pelos alunos no período propriedade, e a partir dos problemas encontrados nos mesmos trabalhar esses problemas na sala de aula. “Durante a observação do segundo estágio foi detectado pelos professores regentes que os alunos estavam com muita dificuldade na escrita e leitura. Em alguns

casos tinha alunos que não eram alfabetizados, principalmente os do 6° ano do ensino fundamental". (CARDEAL,2018).

Os professores regentes informaram que os alunos estavam com muita dificuldade na leitura e escrita. Por este motivo cada dupla de estagiário ficou responsável por uma turma, de acordo com essa divisão, fiquei responsável pela turma do 6° ano que por sinal, era a que estava com maior dificuldade na disciplina de português, apresentando situações de alunos que não sabiam ler e com muitas dificuldades em escrever.

Alguns alunos escreviam como falavam as palavras e expressavam vergonha de ler em sala de aula, sendo que esses alunos deveriam chegar no 6° ano sabendo ler e escrever. Nessa turma tivemos que alfabetizá-los, porque não havia condições de continuar o conteúdo programado para o bimestre sem antes alfabetizá-los. Uma lacuna que deveria ter sido reparada nas séries iniciais. Deixaram passar anos e anos sem corrigir, sem se importar com o que o aluno estava aprendendo e esses problemas se estendem e refletem no ensino fundamental maior e, em muitos casos no ensino médio.

Ainda referente ao segundo estágio, é importante registrar as atividades planejadas nos projetos didáticos, pois, como era a época do dia das mães foi bem fácil adaptar o projeto para a turma do 6°do ensino fundamental. Trabalhamos com jogo das palavras, leitura de pequenos textos, soletrando com palavras que os alunos erravam na escrita dentro dos textos produzidos por eles mesmo, dinâmicas com palavras que escreviam da forma que falavam e passeios dentro do espaço da CFR, a fim de sair da rotina da sala de aula e produzir bons textos incentivando e mostrando para eles que a aula de língua portuguesa pode ser divertida e muito produtiva quando usamos nossa força de vontade e a criatividade docente.

Trabalhar com essa turma foi muito importante para minha formação, foi onde realmente me vi na sala de aula como professora, devido à liberdade que tivemos para desenvolver nosso projeto e planos de aula como tínhamos programado para a realização do estágio, bem como saber que ajudamos aquelas crianças a se desenvolvem em sala de aula foi gratificante para mim como estagiaria.

O 3°estágio supervisionado foi realizado na escola de ensino particular CEPA (Centro Educacional Pan Americano), que atende à demanda de jovens e adultos a

partir de 18 anos de idade, do 6°ao 9°ano do ensino fundamental e do 1°ao 3° ano do ensino médio pela modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), sendo apenas duas turmas multisseriadas, localizadas no município de Placas. Este ensino a distância e é destinada aquelas que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino médio na idade regular, tendo como concepções ofertar aos jovens e adultos a possibilidade de concluir o ensino fundamental e médio. Oferecendo oportunidades educacionais, considerando as características dos alunos, seus interesses, condições de vida e de trabalho.

Na realização do estágio supervisionado III, encontramos muitos obstáculos, como o fato da disciplina de português ser ministrada em apenas um mês, e as aulas ocorrem somente nos finais de semana totalizando cinco horas aulas. Sendo que essas horas ainda são reduzidas, isso fez com que não conseguíssemos trabalhar o nosso projeto didático, e nos impossibilitou de ensinar todos os conteúdos básicos que o currículo do ensino médio pede. Limitamos mais aos conteúdos de maior relevância para uma boa produção textual e exigidos pelo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Diferente do segundo estágio, no terceiro não tivemos como trabalhar o projeto didático devido as aulas serem muito corridas e em uma única aula trabalhar vários conteúdos. O público de aluno que o CEPA atende é diferenciado, são pessoas que estão muitas vezes há anos distanciadas da sala de aula, se encontram desmotivadas e não se recordam do que estudaram no ensino fundamental, mas, por alguns motivos precisam concluir o ensino médio.

Por ser uma turma com pessoas jovens e adultos teria que ser uma aula mais dinâmica que fizesse com que eles participassem, ”Os alunos do CEPA que trabalham e não têm condições de frequentar uma sala de aula todos os dias, por isso eles optam por pagarem para estudar uma vez por semana e concluir o ensino médio em apenas um ano e meio”. (CARDEAL,2018). Esse público tem pessoas que estão pouco tempo fora da sala de aula e outros estão com cinco a dez anos sem estudar, o que dificulta bastante porque uns não conseguem acompanhar o desenvolvimento dos outros devido à diferença de idade entre os alunos e o tempo de afastamento da sala de aula.

Foi difícil trabalhar com esta turma, porque eu encontrei uma realidade adversa comparada aos estágios realizados no ensino fundamental. Só que essa diferença fez

com que eu, como estagiária, me dedicasse mais ainda em fazer um bom trabalho dentro das limitações que eles apresentavam, o que me fez ganhar novos saberes como a de portar-me diante de pessoas adultas com experiências diferentes, ensinamentos esses que, certamente, contribuirão em minha atuação profissional ao buscar ser a diferença para essas pessoas.

O 4° estágio supervisionado foi realizado na escola Estadual Presidente Tancredo Neves, entre os dias 12 de fevereiro a 27 de março de 2019. A escola Tancredo Neves é uma escola Estadual que atende do 4° ano do ensino fundamental ao 3° ano do ensino médio, atendendo aproximadamente 500 (quinhentos) alunos. Trata-se de uma escola polo que também recebe um grande número de alunos do meio rural e por esse motivo pode ser considerada uma escola com características das escolas do campo e a única que atende o ensino médio regular no município de Placas.

O Estágio supervisionado IV foi desenvolvido em três turmas do 1° ano do ensino médio a M1MR01; M1TR03 e a M1NR02 (manhã, tarde e noite), na disciplina de língua portuguesa I, com carga horaria de 40 horas sendo 10 de observação e 30 horas de regência nos possibilitando ser avaliadas por dois professores, em turmas com aproximadamente quarenta alunos. Ao mesmo tempo que estávamos sendo avaliados pelos professores supervisores estávamos avaliando eles e suas metodologias usadas na sala de aula.

O estágio na fase do ensino médio foi importante para minha formação docente, pois os professores e a direção da escola nos receberam muito bem, os alunos da escola foram todos muito acolhedores, compreensivos e parceiros na sala de aula, fazendo com que logo na observação me sentisse à vontade para trabalhar com as turmas, de modo que consegui colocar em prática o conhecimento adquirido na faculdade.

Observamos e fizemos a regência em três turmas, manhã, tarde e noite, cujos alunos eram diferentes uns dos outros em seus comportamentos. Turmas com quarenta alunos, adolescentes jovens e adultos ambos com opiniões diversas. No que tange a este campo da observação, a qual, de acordo com PPC do curso, possui uma carga horária de dez horas e se constitui em um espaço, o qual pude vislumbrar e conhecer as metodologias usadas pelos professores em sala de aula e seus

planejamentos no ensino de língua portuguesa. Esse momento da observação serviu para que eu pudesse destacar aspectos que envolvem o perfil e a formação do professor dessa área do conhecimento.

Dentre os aspectos destacados, constatei que os professores de língua portuguesa nem sempre apresentam aulas diversificadas, a maioria delas são centradas no livro didático do qual os alunos copiam questões extensas ficando duas aulas para copiar os exercícios. Se preocupam muito com o tempo de cumprir o currículo e acabam atropelando os conteúdos, além de não relacionar as atividades com as realidades dos alunos. “Apesar dos professores dialogarem muito com seus alunos, e ter aparentado uma boa relação com eles, ainda deixam a desejar em suas metodologias, como a falta de criatividade na sala de aula e a sensibilidade com alguns alunos que necessitam de uma atenção especial”. (CARDEAL,2019).

Algo curioso, nesta vivência do estágio, foi notar que alguns professores dispensam maior atenção a alunos que aparentam ser mais desenvolvidos e menor atenção aos mais tímidos na sala de aula, para repensar essa situação, precisamos desenvolver metodologias que envolvam todos os alunos sem excluir ninguém. Na verdade, acredito que eles e nós, na condição de profissionais da educação, devemos estar atentos a esse tipo de situação em sala de aula. Às vezes nem imaginamos o que se passa na vida de um aluno e um simples gesto do professor pode representar algo negativo.

3. Os desafios de ser professor de português na educação básica

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) estabeleceu como requisito mínimo para o professor atuante na educação básica a qualificação "[...] em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena [...] admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal" (BRASIL, 1996). Mais recente, o Plano Nacional da Educação – PNE (Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014) estabeleceu, em sua Meta 15, que "todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam" (BRASIL, 2014).

Carvalho (2018), ao apresentar o perfil do professor da educação básica, demonstrou em seus estudos que a escolaridade do professor é predominantemente de nível superior em todas as etapas de ensino – sendo que a maior parte é em licenciatura. Dos graduados, 36% são portadores de títulos de pós-graduação lato ou stricto sensu. A maior parte dos professores é concursada e leciona em apenas uma escola, 38% em uma única turma e 40% ministra uma única disciplina. No entanto, a impressão que temos é que esses dados não comtemplam a realidade da educação do campo, principalmente nesta região da Transamazônica, embora sejam dados de uma pesquisa de nível nacional, nossa realidade parece ser invisibilizada nesta pesquisa. Isso abriria outras temáticas a serem investigadas acerca dos desafios do trabalho docente nas diversas áreas do conhecimento.

Se fôssemos deter nosso olhar sobre o perfil docente nas escolas do campo, possivelmente, chegaríamos a resultados como, professores em sua maioria contratados e em muitos casos com atuação profissional fora das especificidades preconizadas nos documentos legais como a LDB e o PNE.

O contexto de atuação do professor na educação básica, tanto nas escolas do campo quanto na cidade, tem se tornado cada vez mais desafiador: esses profissionais atuam em ambientes escolares que, segundo os dados das pesquisas dos relatórios de estágio supervisionado, muitas vezes, apresentam uma realidade de

condições estruturais precárias e com alunos em defasagem de idade-série para cursar a série em que estão; a busca pela universalização da educação básica amplia a demanda por esses profissionais; a necessidade de melhoria da qualidade do aprendizado exige professores bem qualificados; as mudanças socioculturais e tecnológicas em ritmo acelerado impõem a permanente necessidade de atualização desses docentes, se faz necessário buscar novos conhecimentos e comprometimento por parte desses, para que estejam aptos a enfrentar as contradições diárias que lhes são apresentadas. (CARVALHO, 2018, p.07)

Devemos sempre refletir sobre a dificuldade de enfrentar as práticas pedagógicas tradicionais e nos colocarmos abertos a construir um modelo de ensino de língua portuguesa que supere as práticas assentadas em atividades que se limitam à análise e classificação das unidades gramaticais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, para o Ensino Fundamental e Ensino Médio, tem a finalidade de ser um referencial para a escola e para o trabalho do professor; no entanto, percebemos que, apesar de o professor ter à disposição esses materiais, notamos pouco avanço na superação do modelo tradicional de ensino da língua portuguesa. Consequentemente, a aplicação das propostas de documentos como os PCN não é possível, sem que ao professor sejam dadas as condições necessárias à sua formação continuada, sem a qual o desenvolvimento do senso crítico sobre as lições da gramática normativa torna-se pouco provável.

Diante disso, podemos perceber que um dos desafios do professor de língua portuguesa consiste no desenvolvimento de uma prática pedagógica afinada com o objetivo básico do ensino de língua materna a falantes nativos dessa língua, isso depende de uma formação continuada, bem como adotar atitudes que tenham no diálogo o encontro entre língua e sociedade, mesmo que fique claro que essas atitudes passam pelas esferas de poder, e devem apontar para a diversidade, a pluralidade, e não se engessar num elitismo antidemocrático, reconhecendo que ensinar português a falantes nativos é assumir, também, um compromisso político pedagógico, uma vez que ensinar não é possível sem um posicionamento ideológico, sem a adoção de pressupostos políticos. Segundo (CECÍLIO; RODRIGUES, 2013, p. 06),

> A escola é o espaço onde as contradições características de uma sociedade dividida em classes repercutem e o professor precisará lidar

> com isso, reconhecendo que o modo como usamos a língua pode contribuir para aprofundar os abismos sociais. Ele deverá saber que, ao usar a língua, os falantes demarcam as fronteiras socioculturais que os separam uns dos outros. Usando a língua, marcam as desigualdades, promovem exclusões.

Uma forma do professor lidar com essas contradições em sala de aula, embora possa parecer difícil, é estreitar ao máximo seu discurso de sua prática, pois se exige muito dos alunos o exercício da leitura e escrita, esquecendo às vezes que eles são antes, vítimas de uma tradição. Quantos de nós chegamos às cadeiras das salas de aula no nível superior de ensino com sérias dificuldades para desenvolver nossos textos no sentido de realmente funcionarem para o contexto em que são exigidos.

Nesse sentido, não podemos querer exigir dos alunos o exercício da escrita, se nós mesmos não o vivenciamos, é o mínimo que se espera de um professor de português é que seja uma pessoa habituada à prática de leitura, para que possa defendê-la como indispensável à emancipação do sujeito social e que seja capaz de produzir textos escritos com eficiência. Para Cecílio e Rodrigues (2013, p. 9),

> Toda proposta que vise à superação do ensino de gramática na forma como vem sendo desenvolvido na escola deverá ter como foco a ação político-pedagógica do professor de português. A sua formação continuada, que implica seu aperfeiçoamento teórico, didático e metodológico, é indispensável para que ele se invista de maior autonomia, sem a qual sua atuação permanecerá tolhida em face dos programas e materiais didáticos que lhe são postos à disposição e a cuja adoção ele nem sempre escapa.

Essa é a realidade, salvo alguma exceção, das escolas do campo, onde as práticas pedagógicas ocorrem centralizadas no livro didático, com um nível elevado de engessamento de conteúdo, sem a mínima reflexão e relação com os saberes dos sujeitos e suas práticas de linguagens.

Por tanto, não é suficiente, que os documentos oficiais contemplem as propostas que resultaram das discussões acadêmicas, tampouco que se instrumentalize o professor com livros paradidáticos que lhe apontem caminhos, para que nas aulas de português as atividades de leitura e produção textual preencham a totalidade do tempo antes dedicado ao estudo da gramática desvinculado do uso da língua. Necessário é, pois, que, formemo-nos em leitores e possamos somar no enfrentamento coletivo com vistas a superar ou ressignificar o modelo tradicional de estudo de gramática.

Em consonância a essa interpretação, o Curso de Educação do Campo na formação de professores licenciados em linguagens e códigos da UFPA oferece aos

estudantes do curso a oportunidade de conhecer as escolas do campo através dos estágios supervisionados na formação docente, como atividade curricular que dá a oportunidade ao estudante do nível superior, ter contato com a sala de aula para praticar a profissão de professor por 40 horas em cada período de estágio. Permitindo o professor a ser desafiado a partir prática e a vivência na sala de aula encarando os desafios encontrados sabendo que nem sempre encontramos facilidades na profissão docente, e através da pesquisa no estágio supervisionado, a formação de futuros professores, se traduzem,

> De um lado na mobilização de pesquisa que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro. E em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágios, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. (PIMENTA; 2012; p.46)

A partir dessa pesquisa e regência devemos fazer com que os alunos se apropriarem de um conhecimento maior nas áreas da linguagem, buscando informações capazes de possibilitar argumentos construtivos sabendo se posicionar criticamente em diversas situações não só na sala de aula como em qualquer ambiente social.

O ensino de língua portuguesa no ensino fundamental maior e ensino médio nas escolas básicas do município apresentaram a partir dos dados dos estágios supervisionados várias lacunas nas metodologias usadas pelos professores de língua, dificultando a aprendizagem do aluno, como o fato da disciplina estar sendo trabalhada descontextualizada. O professor deve buscar, ” interagir o trabalho com a linguagem em sala de aula, através de leitura ou da produção de textos que levem o aluno a assumir crítica e criativamente sua função de sujeito do discurso”, levando em conta a língua escrita e a falada dos mesmos. (GERALDI, 2005, p. 19).

A BNCC afirma que é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informações. A escola pode contribuir para o delineamento do projeto de vida dos estudantes, ao estabelecer uma articulação não somente com os anseios desses jovens em relação ao seu futuro, como também com a continuidade dos estudos no Ensino Médio.

> Cabe aos componentes de Língua portuguesa, proporciona aos estudantes, experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/construídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BNCC,2018).

Os professores observados durante os estágios supervisionado tinham algo em comum, embora o trabalho deles fosse bem desenvolvido, ainda reproduzem práticas pedagógicas ultrapassadas como o fato de acharem que dar aula, fazendo com que os alunos copiem muitos exercícios, reproduzindo o que tem no livro faz com que desenvolva a linguagem e a escrita deles. Segundo Geraldi, “o domínio da língua é o resultado de práticas efetivas, significativas e contextualizadas, ” (GERALDI, 2005, p.36). Faz com que o aluno desenvolva suas habilidades no processo de aprendizagem.

De acordo com Guedes (2006, p.57), o professor de linguagem precisa saber como ensinar e aprender ao mesmo tempo,

> Mais do que saber como ensinar, o professor de português precisa saber como aprender, pois, sua reflexão a respeito de seu aprendizado constitui o mais importante saber para encaminhar a reflexão de seus alunos a respeito do próprio aprendizado.

Desta maneira, entendemos que a formação do professor se constrói em ambientes escolares e não escolares, como na família, na igreja, na escola, na universidade, no campo de futebol, nos mutirões em comunidade, nas associações e sindicatos, nas cooperativas, entre outros espaços formativos nos quais a aprendizagem também se desenvolve, uma vez que todas as formas de conhecimento estão permeadas por diferentes linguagens, que se dão num universo sócio ideológico constituído historicamente e mediadas por relações de poder.

Nesse sentido, o professor precisa dominar as linguagens e sua dinâmica para conhecer as condições de produção de leitura de mundo de seus alunos e utilizá-las de forma integrada na sala de aula, ajudando-os a se constituírem criticamente como sujeitos sociais capazes de exercerem a cidadania plena, pois o uso de diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem torna possível criar uma nova sensibilidade estética comprometida com os valores humanistas e com a formação de uma visão de mundo, que pressupõe sujeitos ativos e dispostos a uma experiência crítica e criativa, (MOURA, 2009)

Para este autor, investir na formação de professores leitores por diversos caminhos, significa ampliar suas concepções de linguagem, de leitura e de escrita, de

modo a dar conta dos novos desafios do trabalho docente, com vistas a uma formação profissional mais qualitativa.

Os fios de conexões entre prática e linguagens na educação básica envolvem as práticas docentes desenvolvidas nas salas de aula pelos professores de língua portuguesa, ” A linguagem na educação básica é a criação de sentido, encarnação de significação e, como tal ela dá origem à comunicação. A linguagem assim entendida, não é automática, mas intencional, não é um mero estoque de palavras, mas o modo de usá-las, em um trabalho”. (GERALDI, 2005, p.23)

O professor de linguagens deve buscar desenvolver seu trabalho didático com suas práticas de linguagens na sala de aula, de modo que os alunos apresentem melhor aprendizado, desenvolvendo habilidades educacionais que saibam dialogar com diversas situações no meio social. A formação continuada propiciará o debate sobre a Base Nacional Comum do Currículo que será objeto de estudo dos diversos setores da educação em todo o território nacional, em articulação com a sociedade, na perspectiva da garantia do direito à aprendizagem e ao desenvolvimento humano dos estudantes da Educação Básica, conforme meta estabelecida no Plano Nacional de Educação.

O professor precisa desenvolver novos tipos de práticas de linguagens diferentes das que já existem hoje em dia, mudando a imagem que tem da sua própria profissão. Terão que se atualizar, criando dispositivos de atendimento dos alunos, valorizando sua presença em grupos de trabalho e de reflexão, que promovem a sua integração no contexto escolar.

As reflexões e considerações e aqui traçadas envolvem a pluralidade nos contextos da área de linguagem, levando em conta as práticas no processo de aprendizagem crítico e democrático, envolvendo a comunidade escolar. “Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local”. (BRASIL, 2010, p.5).

A educação escolar e um direito para o exercício da cidadania, e a área de Linguagens e muito importante no papel da relação do ser humano com as práticas sociais, na construção do conhecimento. Às práticas sociais e à linguagem na educação básica, quando falamos de construção de sentido e conhecimento, estamos

no referindo à possibilidade de conhecer e reconhecer as práticas de linguagem, de ir além das práticas cotidianas. Essa linguagem precisa ir além do ambiente escolar, e estar presente na interação com o meio social, na comunicação e na escrita do indivíduo. Segundo Freire (2015, p.47)

> O formando, desde o princípio de sua experiência formadora, assume-se como sujeito também da produção do saber, se convence definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

E através da formação docente que adquirimos conhecimentos práticos de como ensinar criando possibilidades na construção do saber. Adaptando nossos meios de ensinar para que possamos mediar o conhecimento entre aluno e professor, de modo que trabalhemos em nossos alunos a construção da autonomia, da cidadania, trazendo para o relevo suas potencialidades, e ao mesmo tempo, motivando-os a lutar por uma vida social mais justa, lutar por seus direitos, por uma aprendizagem de qualidade, que o estruture para uma vida feliz.

Considerações finais

Diante do resultado deste trabalho desenvolvido a partir da minha participação vivenciada nos tempos comunidades e estágios supervisionados no curso de educação do campo na área de linguagens e códigos, pude refletir sobre a formação de professores da educação básica, a partir dos desafios de ser professor de língua portuguesa fazendo a relação entre a teoria e a prática pedagógica e as práticas de linguagens. Este trabalho teve como objetivo retomar, através dos relatórios acadêmicos, as minhas experiências na formação docente na área de linguagens e códigos para este trabalho de conclusão de curso.

Busquei analisar o processo de formação de professores, a partir das observações e regências dos estágios supervisionados, conhecendo os desafios de ser professor de língua portuguesa, encontrados ao trabalhar nas escolas públicas. Notei durante os estágios que alguns professores apesar de já terem uma formação continuada, ainda usam muito o método tradicional na sala de aula, como o uso de conteúdos descontextualizados, o método de copistas na sala de aula tornando as aulas de português entediante a ponto de alguns alunos estarem na sala de aula apenas cumprindo o horário e saindo sem dar importância ao aprendizado.

Em algumas escolas do campo de estágio os alunos do ensino fundamental não tinham habilidades na leitura e na escrita a ponto de termos que ir para sala de aula alfabetizá-los a fim de dar continuidade aos conteúdos programados pelo professor regente. Nas escolas básicas também observei o fato que os professores de linguagem não se preocupam muito com o conhecimento que o aluno possui e o que eles ainda podem aprender para dar sentido ao processo de aprender e ensinar, não fazendo a dinâmica de trocar experiências de vidas na escola.

É importante que o professor não fique preso somente ao que o currículo pede, saber planejar suas aulas de acordo com os seus alunos e suas turmas específicas, desenvolvendo metodologias que chame a atenção dos mesmos. Alguns professores tem a vontade de diversificar suas aulas com novas práticas pedagógicas mas acabam se prendendo no tempo que os conteúdos devem ser ministrados para os alunos ou até mesmo trabalham em muitas turmas diferentes abrangendo o ensino

médio e turmas do fundamental, ficando sobrecarregados sem tempo para fazer um plano de aula de acordo com as necessidades de aprendizagem de seus alunos.

Estes desafios acabam implicando no ensino aprendizado em sala de aula. O professor deve saber desenvolver suas aulas, relacionando com a realidade, tornando-as diferenciadas para chamar a atenção do aluno, promover a interação de modo que os mesmos, se sintam à vontade para expressar seus conhecimentos, saberes e experiências do dia a dia.

Essas e outras questões acima refletidas nas experiências do estágio foram as principais motivações que me levam a trazer o relato de minha vida acadêmica e profissional pelos estágios em língua portuguesa, além de guardar comigo novas aprendizagens e interpretações da realidade a nossa volta uma vez que a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca e principalmente o que nos transforma.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Katia. **O debate da política curricular e os sentidos do estágio supervisionado (1996-2006)**: uma análise a partir da teoria do discurso, Educação em Revista Belo Horizonte, 2018.

BASE NACIONAL COMUM CIRRICULAR, **Mec. Ministério da Educação**, BNCC,2018

CARDEAL, Simone Nascimento. **Estágio supervisionado 1,2,3 e 4 (2017-2019):** curso de educação do campo, Universidade Federal do Pará.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2018. P.67 - (Série Documental. Relatos de Pesquisa, ISSN 0140-6551; n. 41)

DOMINGO, José Contreras. **Relatos de experiência, em busca de um saber pedagógico**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan. /abr. 2016.

FREIRE, Paulo **pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa **ed**. 51°, Rio de Janeiro, 2015.

GERALDI, Joao Wanderley (org.) **o texto na sala de aula**. **ed**. ática, col. na sala de aula, (2005).

GUEDES, Paulo, **a formação de professores de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo 2006.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul. /dez. 2011.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal. **O uso de diferentes linguagens na formação de professores**: redefinindo os espaços de aprendizagem. 2009. https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3399_1794.pdf acesso em 17/06/2019.

RAMOS, Jania Martins. **Formação de professores**: estágio supervisionado e a prática docente em aulas de português. 2015. www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras-v.31 acesso em 18/06/2019.

RODRIGUES, Bruno de Andrade; CECÍLIO, Lívia Assunção. **A formação do professor de português: desafios para a prática.** 2013. Web revista linguagem, educação e memória, v. 5, n. 5 (2013).

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção.** (In) Pista do método da cartografia (Org. Eduardo Passos, Virginia Kastrup, Liliana da Escóssia), Porto Alegre: Sulina, 2005.